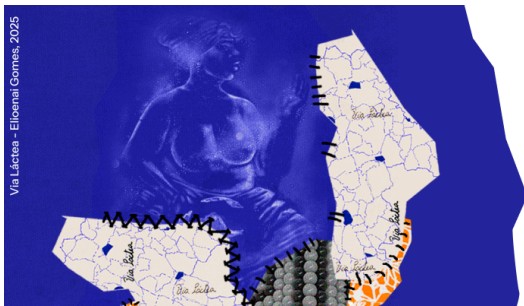




ENTRELAÇANDO POÉTICAS CURUMIM TREMEMBÉ EM PROCESSOS DE CRIAÇÃO EM ARTES

INTERLACING TREMEMBÉ CURUMIM POETICS IN ART CREATION PROCESSES

Elvis Jordan Santos Farias¹

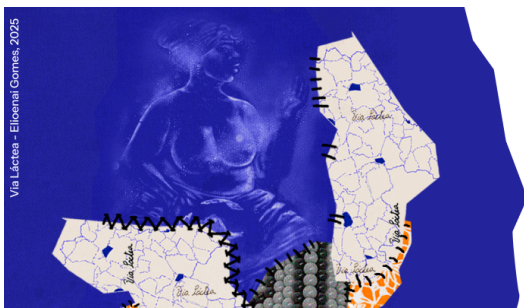
Mestrando do PPGARTES IFCE

Resumo: A investigação objetivou uma aproximação da Cosmovisão Indígena Tremembé como dispositivo de criação coletiva de figurino teatral por curumins da Terra Indígena Córrego João Pereira, de Itarema, aliados a mediação do artista-pesquisador-docente Elvis Jordan e o artista indígena Rodrigo Tremembé. Como criar um figurino teatral referenciado na Cosmovisão Indígena Tremembé evitando estereótipos e apropriação cultural? Como investigar dividindo protagonismo com indígenas de forma ética e respeitosa? São algumas das indagações que movimentaram a investigação. O percurso metodológico trata de uma pesquisa em Arte com abordagem qualitativa, tendo como procedimento a autoetnografia. Como conceitos-base a “Cosmovisão Indígena Tremembé” (TREMembé, 2024), a “potência do sujeito coletivo” (KRENAK, 2018) e parcerias entre indígenas e não indígenas (TUXÁ, 2023) e “experiência” (LARROSA, 2022). Partimos da análise-mergulho na dramaturgia criada com descrição do processo criativo da veste de cena referenciada na Cosmovisão Tremembé. Os dados foram coletados por meio de imersão na Aldeia. Os registros foram feitos por diário de artista, filmagens de entrevistas com criativos da Aldeia, fotos e depoimentos, que se configura como abordagem prática e produto desta pesquisa, tendo o processo criativo da vestimenta de cena pautado enquanto arte decolonial.

Palavras-chave: figurino teatral; Córrego João Pereira; Cosmovisão Tremembé; criação coletiva; arte decolonial.

Abstract: The investigation aimed at an approximation of the Tremembé Indigenous Cosmvision as a device for the collective creation of theatrical costumes by curumins (children) from the Tremembé Indigenous Land of Córrego João Pereira, in Itarema, in collaboration with the mediation of artist-researcher-educator Elvis Jordan and the Indigenous artist Rodrigo Tremembé. How can one create a theatrical costume referenced in the Tremembé Indigenous Cosmvision while avoiding stereotypes and cultural appropriation? How can research be conducted by ethically and respectfully sharing protagonism with Indigenous peoples? These were some of the questions that guided the investigation. The methodological path is an Arts-based research with a qualitative approach, adopting autoethnography as its main procedure. Foundational concepts include the “Tremembé Indigenous Cosmvision” (TREMembé, 2024), the “strength of the collective subject” (KRENAK, 2018), and partnerships between Indigenous and non-Indigenous people

¹Mestrando em Artes pelo PPGARTES IFCE, Especialista em Arte-Educação e Cultura Popular pela Faculdade Padre Antônio Dourado (2012-2014), graduado em Artes Cênicas e Licenciatura em Teatro pelo IFCE, Sua produção artística envolve direção, figurino, atuação, música, práticas circenses, dramaturgia, cultura popular tradicional nordestina e cultura indígena. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8963559782040637>



(TUXÁ, 2023) and “experience” (LARROSA, 2002). The work departs from the analysis understood as a deep immersion of the dramaturgy created, describing the creative process of the stage attire referenced in the Tremembé Cosmovision. The data were collected through immersion in the village. Records included an artist’s journal, filmed interviews with village creatives, photographs, and testimonials. These materials constitute both the practical approach and the outcome of this research, framing the creative process of stage costume as a decolonial art practice.

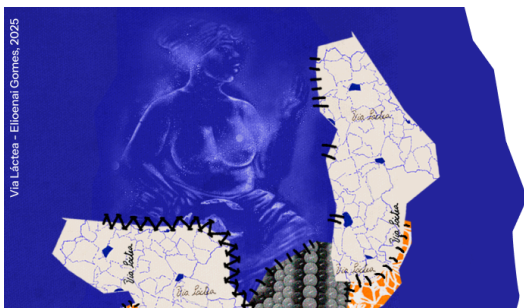
Keywords: theatrical costume; Córrego João Pereira; Tremembé cosmovision; collective creation; decolonial art.

1 FIOS DE BRINCADEIRA E ANCESTRALIDADE

Esta pesquisa se propõe a refletir sobre o processo de criação de um figurino teatral construído coletivamente com curumins cearenses da Etnia Tremembé, da Terra Indígena Córrego João Pereira, com mediação do pesquisador, elencando alguns procedimentos de composição do traje de cena e as implicações éticas envolvidas no diálogo com a Cultura Indígena Tremembé. Percebe-se uma falta de conhecimento aprofundado sobre caracterização de personagens a partir da cultura indígena no Estado do Ceará no contexto das Artes da Cena, principalmente a partir do olhar de crianças indígenas.

Enfatizamos a representatividade e protagonismo do Povo Originário Tremembé, que faz parte da identidade cultural cearense. Movidos por uma dramaturgia que mergulha nesse universo das Encantarias e saberes tradicionais do Povo Originário Tremembé, da Terra Indígena Córrego João Pereira, por meio de uma imersão cultural na aldeia, tivemos o acompanhamento do artista indígena Rodrigo Tremembé, morador da Aldeia e referência no campo da Moda Indígena.

Com foco na relevância do respeito às especificidades do Povo indígena investigado, referenciando as fontes de onde pudemos entrar em contato com referências, sonoridades, saberes e vocabulário que inspiraram a produção da caracterização de personagem, evitando a apropriação cultural, com devida ética e respeito à Cosmovisão Tremembé. Em linhas gerais, a investigação reflete sobre a urgente necessidade da presença cada vez mais constante de criações que



abarcuem o conhecimento e a sabedoria dos povos originários em prol de uma estética étnica ética.

Para Larrosa(2002)

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça(Larrosa, 2002, p.21)

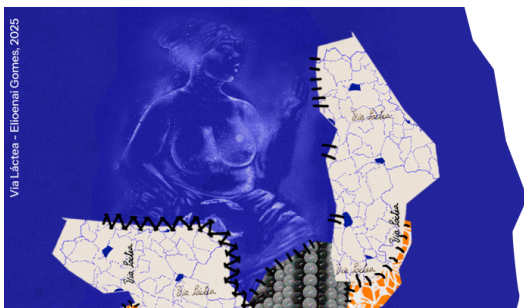
E justamente nesse sentido de experiência, nos debruçamos, pisando devagarinho no chão da aldeia, pedindo licença aos Encantados, ancestrais e lideranças indígenas, com a escuta ativa para os curumins e porosos ao próprio território, que fala por si, mergulhando, pegando fôlego e criando junto, tecendo memórias e narrativas das infâncias através de vestires de cena.

Felipe Tuxá(2023), na obra *Antropologias indígenas e a questão da posicionalidade* relata sobre

A sensação(...)diferente, quando começamos a pensar sobre as possibilidades de diálogo que emergem entre antropólogos indígenas e não indígenas(...)na medida em que o encontro de conhecimentos em pé de igualdade, seja na antropologia, seja nas relações interétnicas de forma mais ampla, é algo que, há muito tempo, vem sendo, antes de sonhado, demandado e exigido por sujeitos que tiveram suas realidades destroçadas pela expansão imperialista europeia.(Tuxá,2023,p.63)

Nossa proposta vislumbrou uma parceria em que as vozes indígenas estiveram em primeiro plano e tiveram seu lugar de importância, de seus saberes e de suas narrativas, tendo no pesquisador apenas um papel de mediação. As decisões do percurso e encaminhamentos do processo criativo partiram dos indígenas Tremembé do Córrego João Pereira, coletivamente.

Aníbal Quijano (2005) reflete que “colonialidade” diz respeito ao modo como a sociedade moderna perpetua uma estrutura de poder que continua agindo, mesmo depois do suposto fim do colonialismo. Esse arranjo dita epistemologias, curadorias e seleciona representações simbólicas nas Artes, marginalizando vozes e vidas e insistindo em padrões eurocêntricos em vários setores culturais e educativos.



Segundo Mignolo(2014), os gestos decoloniais seriam então quaisquer gestos que se engajam na desobediência dos ditames da matriz colonial, contribuindo assim, para a construção de uma harmonia da espécie humana com a vida no planeta (Mignolo,2014 apud Iclê e Hass, 2019,p.98)

Para Freitas(2023),“torna-se importante pensar numa prática pedagógica para as Artes que tragam estudos a partir de um pensamento decolonial, com processos que valorizem os diálogos entre saberes e respeitem a memória e a ancestralidade dos povos originários”(Freitas,2023, p.22)

Nesse sentido, um modo de pensamento decolonial na prática das artes é percebido como um movimento crítico que questiona as heranças históricas da colonialidade do poder, do saber e do ser, fortalecendo vozes, narrativas e criações indígenas.

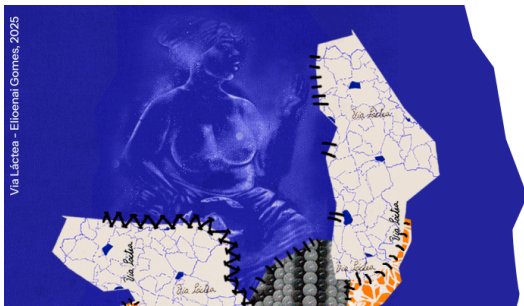
Nego Bispo(2015), ao refletir sobre a luta e resistência de territórios, prefere o termo contracolonial.

(...) vamos tratar os povos que vieram da África e os povos originários das Américas nas mesmas condições, isto é, independentemente das suas especificidades e particularidades no processo de escravização, os chamaremos de contra colonizadores (Bispo dos Santos, 2015, p. 48).

Povos Indígenas, quilombolas e pessoas LGBTQIAPN+ precisam redemarcар espaços culturais no intuito de ecoar narrativas a partir de suas vozes e subjetividades, silenciadas e marginalizadas por tanto tempo.

2 ALINHAVANDO MUNDOS COM CURUMINS

A partir de um olhar sensível ao Território Indígena do Córrego surgiu uma dramaturgia colaborativa denominada *Calmaria e Correria no Córrego Tremembé*. A narrativa trata do cotidiano na Aldeia, sua ambiência e segredos ancestrais na interação entre uma criança da aldeia(Calmaria) e outra da cidade(Correria). Iniciamos um Processo de Criação de Figurino. O critério de seleção dos participantes da criação coletiva foi pautado em crianças que tivessem vivência no território indígena Córrego João Pereira, além de disponibilidade e interesse em



colaborar com a investigação artística, sabendo que a liberdade e espontaneidade seriam nossos guias. Os curumins possuem uma referência criativa de vestimentas a partir de Rodrigo Tremembé, estilista indígena que possui ateliê na Aldeia, um dos nossos pontos de apoio dos encontros, além do terreiro e da casa de farinha.

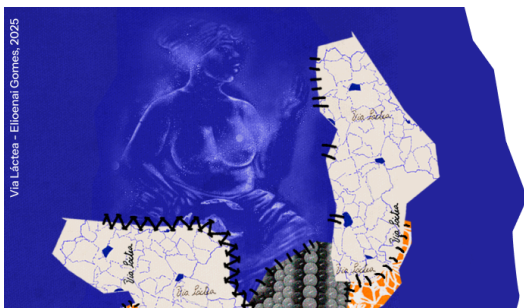
Ao todo, tivemos dez encontros, cada um com quatro horas de duração, com mergulhos criativos no fim de semana, de maneira informal, para além da escola. A ausência de participantes em alguns encontros, de início poderia comprometer o processo criativo, principalmente quando se trata de uma construção colaborativa. Entretanto, se tratando de uma Aldeia, onde o fazer artístico está diluído e entrelaçado ao cotidiano da roça, da caça, da pesca; costumes presentes no bem-viver originário ou até mesmo práticas mais atuais, de cunho religioso voltado para cultos evangélicos, cada vez mais presente em terras Indígenas cearenses, podem e devem fazer parte também dessa criação.

Criação que narra por meio de tecidos, linhas, retalhos, vivências, grafismos, cânticos, desenhos, pinturas, fotografias e vídeos a Cosmovisão Indígena Tremembé, o dia-a-dia e as histórias reais, transpostas para artefatos vestíveis desenvolvidos pelos indígenas Tremembé em nossa trama.

As afetações e implicações nas dinâmicas dos processos criativos durante algumas ausências pontuais de curumins criadores foram contornadas como um rio, um córrego, seguindo seu fluxo, mesmo com as pedras do caminho, seguindo o tempo da aldeia, de calma e continuidade dos trabalhos acompanhando as possibilidades e disponibilidades dos participantes, respeitando o movimento natural dos seus afazeres e atividades habituais.

Portanto, examinar tais fricções resulta na compreensão da criação artística como processo relacional, permeado por tensões e negociações, exigindo abertura metodológica, flexibilidade temporal e acordos para construir junto.

Ao convidarmos as crianças indígenas Tremembé para mergulhar na criação Jadson, Cauane, Deisy e Monique se interessaram pela proposta. Fizemos a leitura do Texto *Calmaria e Correria* para os curumins. Pelo meio do enredo pediram que Rodrigo Tremembé continuasse a leitura. Ouviram atentos a leitura dramática.



Após a leitura, em uma roda de conversa, os pequenos falaram sobre o que entenderam da história e comentaram que se identificaram com algumas partes da narrativa. O caminho para a escola, o movimento na casa de farinha, o brincar nos cajueiros e outros cenários presentes na trama e no cotidiano da aldeia, que de forma didática e lúdica desperta para a valorização da cultura indígena do interior do Ceará, em meio aos cajueiros do Córrego Tremembé.

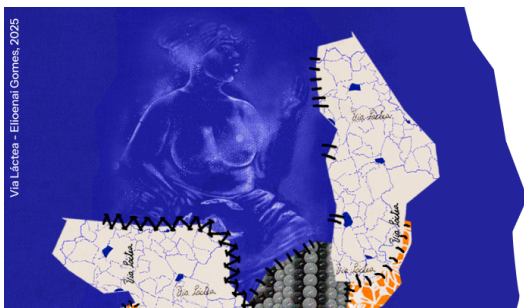
Procuramos desenvolver os passos da criação de sujeitos indígenas com suas narrativas das infâncias, que em sua trama singular ecoam uma memória coletiva. Nesse sentido, a infância curumim se faz potência criativa mobilizadora de fazeres e saberes significativos para o contexto educativo das Artes da aldeia e da cidade.

Partimos para improvisos de confecção de figurinos em mergulhos criativos onde conhecemos as personagens por meio das características citadas na dramaturgia, tentando descobrir que outros detalhes podiam ser desenvolvidos nos aspectos visuais da caracterização teatral.

Passamos para a etapa dos desenhos das vestimentas, concebendo o figurino da personagem indígena Calmaria, que vive na Aldeia do Córrego João Pereira, Itarema, Ceará. Cada curumim escolheu as cores que melhor representassem o pensamento da criação da vestimenta teatral. Surgiram grafismos desenhados na pele e em partes das peças de vestuário, imprimindo na criação aspectos da vivência indígena cotidiana.

Nosso processo de criação fluíu como uma brincadeira de curumim e de gente grande. Rodrigo Tremembé(2024), um dos fios condutores dessa trama, discorre sobre o brincar na aldeia do Córrego, enfatizando

(...)a importância de envolver as crianças na transmissão dos saberes e na prática artística, mostrando que elas também podem ser protagonistas na preservação e reinvenção de nossa cultura. É fundamental proporcionar uma infância conectada com a natureza, onde as brincadeiras ao ar livre, como caçar com baladeira, desenvolvem habilidades motoras, ensinamentos de respeito ao meio ambiente e despertam um olhar crítico sobre o mundo.(Tremembé, 2024, p.107)



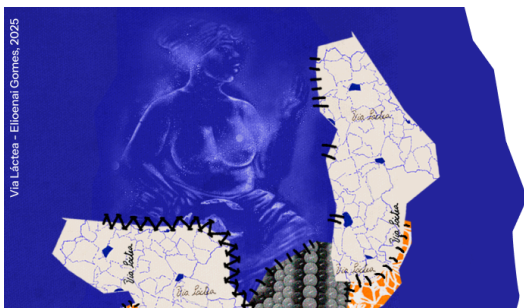
O mundo interno e o mundo à volta das crianças da Terra Indígena, de alguma maneira estava impresso nos rascunhos e grafismos de croquis de figurino propostos. Contam uma história particular, com simbologias do bem-viver e calma.

A partir de uma brincadeira familiar aos criativos mirins, iniciamos o encontro seguinte, que passamos a chamar de Brincadeira. Jacarandá, jacarandá, o que eu pedir tem que buscar. Encontrem materiais para criarmos o figurino da Calmaria...E todos foram correndo buscar alguma coisa para ajudar. Trouxeram uma blusa velha que podia ser reutilizada, customizada. Rodrigo Tremembé indagou se a Calmaria teria algum acessório, objeto, adereço. Jacarandá jacarandá, o que eu pedir tem que buscar. Vão buscar um objeto que a personagem possa usar. E lá se foram os curumins e trouxeram óculos escuros, laço para cabeça, colar de cipó e um cocar de palha para a composição criativa.

Nesse momento do Jacarandá, descobrimos um saco cheio de retalhos do Tio Rodrigo. Multicoloridas, as peças de tecido ganharam mais significado com criações de grafismos desenhados com pincel de tecido por Deisy, Cauane e Monique. Selecionaram cores e tamanhos de pano para a pintura e desenho para a composição da peça vestível. Usaram como base um vestido adquirido da costureira Dona Ivonete, colaboradora da marca Tremembé. Como protótipo a partir dos desenhos do encontro anterior surgiu uma verdadeira colcha de retalhos com grafismos, desenhos e ilustrações pensadas pelas crianças indígenas Tremembé.

Jacarandá, como podemos tingir, pintar, desenhar? E trouxeram urucum para a brincadeira. Como desdobramento, surgiu a ideia de pintar tecidos do figurino com urucum. No quintal de Keuliane Tremembé foram colhidos e compartilhados pelas mãos criativas. Da pintura do tecido foi natural partirmos para a pintura corporal, no meio da brincadeira. Uma criança pintava o rosto da outra e passava o urucum, fizemos festa com tiras, retalhos, urucum e *artesanaria*.

As curumins organizaram os tecidos, dando forma à peça de roupa, refletindo sobre qual delas poderia representar a indígena Calmaria. Entre conversas fiadas criamos fuxicos a partir dos retalhos para compor a vestimenta da Calmaria. As crianças ficaram bastante animadas ao fazer algo artesanal da cultura popular nordestina e que se aproxima do universo da costura, presente através dos



trabalhos de moda e *artesanias* do Tio multiartista Rodrigo Tremembé. Cada uma foi dando seu olhar, seu toque, sua marca pessoal. Jadson Tremembé até inventou um fuxico feito de palha de coqueiro e juntou ele aos outros.

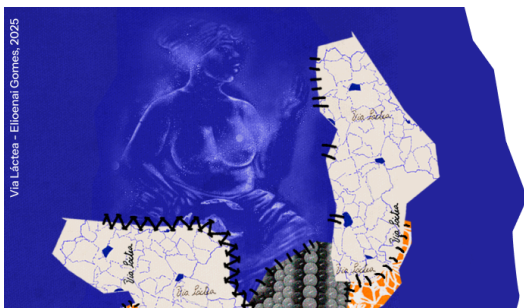
Diversas cores e tamanhos deram forma a uma tiara de fuxicos, que poderia ser usada como parte da vestimenta teatral da Calmaria. De certa forma as florzinhas de fuxico lembram as tiaras feitas de penas por algumas etnias indígenas.

Lemos junto à Laura e Keuliane Tremembé o texto dramático *Calmaria e Correria*. Laura também deu seu toque artístico na criação de croquis para personagens da história ouvida. Entoou cânticos tradicionais do seu Povo enquanto coloria a vestimenta da criança indígena protagonista da história.

Keuliane Tremembé se identificou com vivências narradas no enredo e se divertiu com o desenrolar da trama, considerando muito interessante a maneira como é conduzida a cultura Tremembé por meio da fala de personagens que carregam um pouco de cada curumim, galho e tronco velho da Terra Indígena. No concedeu depoimento sobre vestires sagrados, brincadeiras de infância criadora de tessituras, tempos bons de bonecas de milho, a importância do repasse de memórias e fluxos de criatividade na escola indígena e seu ensino diferenciado, lugar de movimento político de ancestralidade e resistência.

Quando eu entrei (na escola) a gente tinha muitos momentos de produção de vestimentas que era coletivo. A gente usava o linho. Era um momento de descontração, a gente conversava muito sobre nosso Povo, sobre nossa história. Na Festa do Caju tem o desfile da Garota Caju e nesse desfile a gente confecciona essas roupas. Aí fica livre, né?! A gente faz uso de materiais naturais como a folha do cajueiro, a própria castanha, alguns colocam roupas feitas também de linho. É muito importante na história das nossas festas esse momento de construir a sua própria vestimenta(...) Era nas bonequinhas de milho verde que a gente ia no roçado ia fazer as roupinhas das bonecas, com a palha do milho(...) Tem várias mulheres que fazem *kataioba* (*saia de linho*), a gente considera como algo sagrado. O que leva nossa história, algo que você consegue se conectar. (Tremembé, Keuliane em entrevista concedida em 17 de agosto de 2025, na Terra Indígena Córrego João Pereira)

As meninas Monique e Cauane Tremembé também contaram sobre bonecas de milho que fazem parte das brincadeiras de fazer roupas. Cauane explica detalhadamente como produz a vestimenta, passo a passo, demonstrando autonomia e expertise para criação com fibras naturais presentes no território indígena e no cotidiano Tremembé, tanto em casa, como na escola.



Monteiro(2019), no tocante a ações pedagógicas em Artes:

Aponta que um destes caminhos é apostar nos processos de mediação cultural que partam do cotidiano dos sujeitos que constituem este espaço. Assim, os processos de mediação cultural atrelados ao conceito de cotidiano não documentado atuam como exercício de partilha do sensível e colaboram na formação da práxis de um pensamento artístico e cultural(...), que carregados de significados possibilitam a troca e o contato com o outro.(Monteiro,2019,p.5)

Criar coletivamente a partir dos conhecimentos dos curumins sobre a própria cultura e território foi significativo e potente, mobilizando os mais velhos a participar da criação. Carliane juntou-se a nós nos desenhos de figurinos, Keuliane deu depoimento sobre vestires na Escola Indígena Rosa Suzana da Rocha e na infância Tremembé. Geiziane veio dar uma conferida com a curumim Nicole em seus braços. Laura trouxe os cânticos enquanto pintava, Rodrigo puxava o jacarandá e as perguntas mobilizadoras da criação.

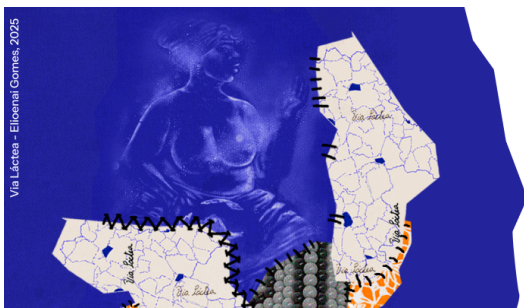
Fomos costurando trajas e trajetos, tecendo os lugares, os afetos, as experiências, do criar junto, do estar junto fazendo arte e brincadeira. Como fios da memória fomos tecendo feito aranha fiandeira um diário de vivências, numa rede de teias que se entrelaçam e desdobram em poesia da terra indígena Tremembé, que escorrem e coam como o córrego que evoca encantaria e ancestralidade originária.

Imagem 1 - Colagem de Mergulhos Criativos Tremembé



Fonte: Acervo Pessoal

Foi confeccionado o figurino da Calmaria, personagem indígena Tremembé, a várias mãos, como no Torém, ritual sagrado Tremembé. Monique, Laura, Deisy, Cauane, Jadson, Rodrigo, Carliane, Keuliane, Baía. Tremembés artistas por natureza, desde que brotaram nessa Terra Originária banhada pelo córrego, vindos



desde o mar de Almofala, entrelaçando a criação da Calmaria na Aldeia com a invenção da Correria na Cidade.

Tornou-se desafiador compartilhar as decisões dos curumins, necessitando respiros para dar vez e voz uns aos outros, com escuta e paciência na mediação distanciada, no intuito de não colonizar mentes e potencializar a espontaneidade das crianças indígenas, conhecedoras de seu território e narrativas singulares. Nesse sentido, a presença marcante de Rodrigo Tremembé foi cirúrgica. Com sua calma apaziguou e contribuiu para a fluidez da concepção do figurino teatral.

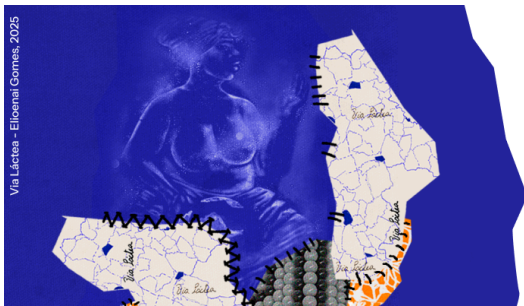
3 ARREMATES DA TRAMA

Nesse processo de criação de dramaturgia, de figurino e de trocas interculturais, dialogamos com as palavras de Lygia Pape(2012), que diz “(...) tudo era uma coisa viva, como se eu fosse caminhando ali dentro a puxar um fio que se trançasse e se envolvesse ao infinito”(Pape,2012,p.101)

Foi exatamente como um percurso, uma caminhada, um atravessamento, como um banho de rio de onde não saímos os mesmos. A terra falou por si, jorrou em poesia o traçado dos mergulhos criativos que desenrolaram em dias, tardes e noites de brincadeira e estripulia. Criando com o corpo todo, como um desenrolar de novelo que não tem começo e não tem fim.

A cada mergulho, brincadeira, troca, canto, nascia um olho d'água, um rio movido de emoção e encantamento pelos curumins. Revisitei meu primeiro maravilhamento na Terra Indígena do Córrego, quando, no alpendre do ateliê de Rodrigo Tremembé ouvi vindo das vozes dos pequenos Monique, Jadson, Cauane e Deisy Tremembé, espontaneamente todos cantando a uma só voz a música Jandê, que ecoou vozes de seus ancestrais, troncos velhos e Encantados, os tirando para brincar. Foi de arrepiar presenciar a cultura viva da língua nativa dos Tremembé sendo entoada pela geração curumim. A empolgação na cantoria me encheu de um tanto de alegria, que daria um Córrego inteiro. Fiquei quietinho a observar, sentir e apreciar a experiência.

Para Ailton Krenak(2020) na Revista Periferias: *A potência do sujeito coletivo*



É o mais velho contando uma história, ou um mais novo que teve uma experiência que pode compartilhar com o coletivo a que ele pertence; isso vai integrando um sentido da vida, enriquecendo a experiência da vida de cada sujeito, mas constituindo um sujeito coletivo. (Krenak, 2020, p.5)

Como contar a história desse processo de criação através de um figurino? Como inspirações tivemos o Serrote Encantado, os cajueiros da Biza, o Ateliê Tremembé, o Terreiro, o quintal da Keuliane, a casa da Baía, o Córrego João Pereira. Tecemos imagens-retalhos de um grande emaranhado de afetos em rede de tucum a balançar com o vento dos tempos bons do brincar.

Esse processo coletivo fala de território, ancestralidade, decolonialidade, protagonismo indígena, criações entre indígenas Tremembé, Tramas, Trançados, Alinhavos, Tessituras de afeto e memória. Mergulhar na calma da aldeia em meio ao caos da criação artística me fez emergir em muitas camadas da memória de infância no interior do Ceará. Ao reunir o material coletado em vídeos e fotos revisei sensações das brincadeiras das crianças Tremembé, sempre dispostas ao universo lúdico das *invencionices* mais simples e significativas possíveis, surpreendendo a cada encontro, sempre ansiosos pelo próximo, Mas uma ansiedade boa, uma correria para mais uma aventura coletiva.

REFERÊNCIAS

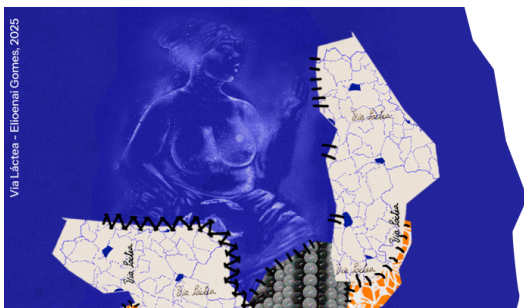
Livros

DOS SANTOS, Antônio Bispo **Colonização, quilombos: modos e significações**. Brasília: Universidade de Brasília – UnB, 2015.

MONTEIRO, Solange Aparecida de Souza. **Cultura, resistência e diferenciação social**. Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019.

PAPE, Lygia. **Espaço Imantado**. Textos de Paulo Herkenhoff, Manuel J. Borja-Villel. São Paulo. Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2012.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. In: LANDER, Edgardo (org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005.



TREMEMBÉ, Rodrigo; et al. **Entre Traços e Memórias Tremembé: Aldeia Córrego João Pereira**. Fortaleza: Edições KUYA, 2024.

Trabalhos acadêmicos (TCC, relatórios, dissertações, teses)

FREITAS, Joyce Custódio de. **A Escola Indígena Diferenciada e o Ensino de Arte na Escola Regular: Repensando o Ensino de Teatro a partir da Experiência do Povo Tremembé de Almofala**. Fortaleza: Instituto Federal do Ceará - IFCE, 2023.

Artigo em periódico

ICLÊ, Gilberto; HAAS, Marta. **Gesto decolonial como pedagogia: Práticas teatrais no Brasil e no Peru**. Urdimento. Florianópolis: UDESC, 2018. Vol 3, n,36 (nov./dez.2019), p.96 - 115.

LARROSA BONDÍA, Jorge. **Notes on experience and the knowledge of experience**. Brazilian Journal of Education, n. 19, p. 20-28, Jan./Apr. 2002.

SILVA, Jailson de Souza; KRENAK, Ailton. **A potência do sujeito coletivo**. Periferias Edita, 2020.

TUXÁ, Felipe. **Antropologias indígenas e a questão da posicionalidade**. Anuário Antropológico, [S. l.], v. 48, n. 1, p. 61–66, 2023.